


# O visível e o invisível – O Corpo, A natureza, Os tempos e as Mulheres Indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi

## The Visible and the Invisible – The Body, Nature, Time, and the Pataxó Indigenous Women of the Porto do Boi Reserve

 10.64493/INV.22.15

Thaís Aparecida Peral  
Universidade Federal  
de São Paulo  
Campus Baixada Santista, Santos,  
São Paulo - Brasil

Flávia Liberman  
Universidade Federal  
de São Paulo  
Campus Baixada Santista, Santos,  
São Paulo - Brasil

Renata Caruso Mecca  
Universidade Federal  
do Rio de Janeiro ( UFRJ) -  
Brasil

artigo recebido: 22.02.2026  
artigo aceite para publicação: 15.04.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Peral, T.; Liberman, F.; Mecca, R. (2026). O visível e o invisível – O Corpo, A natureza, Os tempos e as Mulheres Indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. <https://doi.org/10.64493/INV.22.15>

### Resumo

Este artigo constitui um recorte da dissertação de mestrado intitulada Ao redor do fogo: cartografia dos corpos e narrativas de mulheres indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi, realizado pela primeira autora deste artigo, realizada na Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista - São Paulo - Brasil. A pesquisa teve como objetivo cartografar os modos pelos quais algumas mulheres indígenas da etnia Pataxó experienciam e atribuem sentidos aos seus corpos, a partir de suas perspectivas, relações e modos de vida, considerando aspectos culturais, étnicos e sociais, bem como a influência desses fatores na forma como vivem e compreendem seus corpos. Este artigo visa apresentar alguns resultados da dissertação enfocando os aspectos visíveis e invisíveis na forma como as Mulheres Pataxó da Reserva Porto do Boi vivem seus corpos, transitando por conceitos como Corpo-Território, Corpo-Natureza, as diferentes formas de viver a temporalidade, a relação com o sagrado e a espiritualidade. **Palavras-chave:** Corpo; Natureza; Mulheres Indígenas; Pataxó; Tempo

### Abstract

This article is an excerpt from the master's thesis entitled Around the Fire: Cartography of the Bodies and Narratives of Pataxó Indigenous Women from the Porto do Boi Reserve, conducted by the first author of this article at the Universidade Federal de São Paulo – Baixada Santista Campus – São Paulo – Brazil. The research aimed to map the ways in which some Indigenous women of the Pataxó ethnic group experience and attribute meaning to their bodies, based on their perspectives, relationships, and ways of life. It considered cultural, ethnic, and social aspects, as well as the influence of these factors on how they live and understand their bodies. This article aims to present some of the dissertation's findings, focusing on the visible and invisible aspects in the ways Pataxó women from the Porto do Boi Reserve live their bodies, engaging with concepts such as Body-Territory, Body-Nature, different ways of experiencing temporality, and the relationship with the sacred and spirituality.

**Keywords:** Body; Nature; Indigenous Women; Pataxó; Time.

### Introdução

“O sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível (Krenak, 2020)

*“Eu estava chegando na Reserva Porto do Boi para uma celebração, tinha muita gente, era a primeira vez que eu chegava na Reserva depois da morte de Patioba Pataxó, eu me emocionava ao entrar em sua casa, seu esposo me deu um punhado de ervas na mão e disse: - ande por ai (apontando para o quintal) e jogue onde você sentir de jogar, eu faço isso e entro novamente na casa. Nesse momento vejo Patioba, ela sorri para mim, nos abraçamos e seguimos juntas pela reserva, nesse momento percebo que eu também tinha morrido, começamos a andar de braços dados pela festa que estava acontecendo, passávamos pelas pessoas, algumas nos viam outras não, aqueles que viam eram pessoas boas e evoluídas espiritualmente, vimos uma movimentação, nesse momento tinha sumido um bebê que era um cachorro também, ele tinha se assustado com os fogos e fugia, na hora lembrei de uma cachorra minha que desapareceu depois de uma queima de fogos, a polícia chegou e começou a investigar o caso, olhavam fotos da festa em todos os ângulos, ao olhar a foto eu me vi e vi Patioba, chegaram a um suspeito e ao entrarem na casa dele, lá estava o bebê cachorro e minha cachorrinha Brisa, ela já velhinha vinha correndo em minha direção, eu e Patioba seguíamos pela reserva, encontro um ex-aluno ele me via e em um pedido de ajuda falou que estava acontecendo algo estranho na casa que ele morava, eu e Patioba sentimos que precisávamos avisar a polícia, mas não sabíamos quem podia nos ver.... Nos aproximamos e uma policial nos viu, fizemos a denúncia*

e houve uma prisão, e ainda seguíamos pela reserva, nós éramos espíritos, encantados, que continuavam agindo entre os vivos, ajudando. Por fim, chega a hora de nos despedirmos. Patioba aparece de camisola, e diz para mim, vou ficar aqui essa noite, amanhã eu vou....” (Sonho de uma das pesquisadoras)

Iniciamos também honrando as mulheres indígenas Pataxó que participaram da escrita dessa pesquisa, Patioba Pataxó, que esse ano ancestralizou, e agora vive no mundo dos encantados, Tapy Pataxó, Kuãse Pataxó<sup>1</sup>, Marcy Pataxó, Muricy Pataxó, Txahá Pataxó, Pahema Pataxó, Mayõ Pataxó e Nioktoiná Pataxó.

Este artigo constitui um recorte da dissertação de mestrado intitulada Ao redor do fogo: cartografia dos corpos e narrativas de mulheres indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi, realizado pela primeira autora deste artigo. A pesquisa teve como objetivo cartografar os modos pelos quais algumas mulheres indígenas da etnia Pataxó experienciam e atribuem sentidos aos seus corpos, a partir de suas perspectivas, relações e modos de vida, considerando aspectos culturais, étnicos e sociais, bem como a influência desses fatores na forma como vivem e compreendem seus corpos.

Utilizamos o método cartográfico de pesquisa, um método de pesquisa-intervenção, nomeado por Deleuze e Guatarri (1995), que propõe o acompanhar de todo o processo da pesquisa, considerando as afetações do pesquisador, onde pesquisar e intervir não estão separados. A pesquisadora vive os acontecimentos, pesquisando “com” e não “sobre” o objeto de pesquisa, aceita o desafio de se deixar afetar pelo acontecimento e se lança na experiência do desconhecido.

Esse sonho trouxe múltiplos elementos, como o visível e o invisível, os espíritos, a espiritualidade, o afeto, o tempo que vai e volta, a morte e a vida, os animais, a natureza e os rituais. Sonhar dessa forma só foi possível porque, durante a produção dos dados da pesquisa, o corpo-pesquisadora constituiu-se no encontro com os corpos das mulheres indígenas, no cotidiano da reserva, nas rodas de conversa, nas medicinas, na dança e no canto, caminhando entre mundos. Neste trabalho, pretende-se explorar esses aspectos por meio de fragmentos de narrativas das mulheres indígenas, fotografias, sonhos, pensamentos e encontros com referenciais teóricos que possibilitam pensar a coexistência de vidas e tempos.

Neste recorte, caminharemos pelos temas da invisibilidade, do tempo, do Corpo-Território, do Corpo-Natureza, da espiritualidade e do afeto, entre outros aspectos despertados por esse sonho, assim como pelas narrativas das mulheres Pataxó da Reserva Porto do Boi sobre como vivem seus corpos. Trata-se de um percurso de braços dados com a natureza, atravessando tempos e mundos outros, visíveis e invisíveis.

### Um Lugar

A pesquisa aconteceu na Reserva Porto do Boi, localizada na Aldeia Xandó, dentro do Território Indígena de Barra Velha, no município de Porto Seguro, no estado da Bahia, Brasil. A aldeia Xandó faz fronteira com o distrito de Caraíva,

<sup>1</sup> Todas as mulheres dessa pesquisa optaram por serem identificadas com seus nomes indígenas, como resistência a toda a invisibilidade violenta que historicamente as proibiu de serem registradas oficialmente com seus nomes, assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorizaram o sua de suas imagens.

conhecida por um turismo em massa, bastante predatório que vem crescendo nos últimos anos, assim como a chegada de igrejas evangélicas.

A reserva teve início em 1967, porém foi aberta aos visitantes em 2004 com a construção da primeira Oca que funcionou como um Centro Cultural de 2004 a 2008 nos meses de dezembro a março. Em 2013, por falta de movimento e manutenção do espaço, essa Oca caiu, deixando o Porto do Boi sem atividade turística por cinco anos. Durante esses anos, a maioria das pessoas da reserva trabalhava em Caraíva e frequentava as igrejas, o que por um tempo culminou no enfraquecimento da cultura, principalmente em seus aspectos relacionados à espiritualidade.

Em 2018, iniciou-se um movimento de resgate da cultura, da espiritualidade, dos rituais, junto com a reconstrução da Oca, que se configura como um lugar sagrado e onde acontece uma parte das vivências para os visitantes.

### Corpo-Território



2

<sup>2</sup> Todas as fotos aqui apresentadas, são do arquivo das pesquisadoras e as mesmas têm autorização para utilização

Na Primeira Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília no ano de 2019, elas nos lembraram, através do lema “Território, nosso corpo, nosso espírito”, que o corpo e o território não estão separados:

*Com esse grito, afrontamos este sistema-mundo branco/ racista/ patriarcal/militar/capitalista: dizemos que passa pelos nossos corpos físico-culturais e simbólicos a nossa existência nesse mundo. É pelos nossos corpos que se constituem nossos territórios. E nossos corpos nada o são sem nosso espírito. E podemos falar em espíritos, tantos são os nossos corpos e culturas (Tavares, 2019, p. 59).*

Aqui, é possível perceber que, na perspectiva ameríndia, seres humanos, não-humanos e mais-que-humanos recebem igual importância na constituição dos corpos e dos mundos. Não há centralidade do humano; os corpos relacionam-se em rede.

As autoras Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang e Giovana Mandulão (2023, p. 7), iniciam o texto “Existimos como corpo-território” da publicação: *Mulheres: Corpos-Territórios Indígenas em Resistência*, convocando-nos a pensar o corpo como um território construído a partir de heranças genéticas, culturais e espirituais. É um corpo ambiente, um corpo bioma, um corpo que aprende com os mais velhos e com os mais jovens, um corpo que existe no individual e no coletivo.

*Quando pensamos no nosso corpo-território indígena, é necessária uma reflexão para além de que entendemos comumente sobre um corpo. Nós, mulheres indígenas, nascemos em um lugar que se constrói a partir de um ambiente, de um bioma. Então, quando falamos de corpo-território, estamos falando que nós carregamos heranças ancestrais, que carregamos heranças espirituais nos nossos corpos e, além das heranças, carregamos a sabedoria coletiva dos nossos povos (Baniwa et al, 2023, p. 3).*

As mesmas autoras afirmam:

*“(...) carregamos no nosso corpo a marca da coletividade dos nossos povos, a sabedoria das nossas anciãs, a nossa ancestralidade e espiritualidade. Quando nascemos, já fazemos parte de um coletivo, nascemos numa comunidade e é a partir dali que vamos nos formando” (Baniwa, Kaingang & Mandulão, 2023, p. 3). O “ser corpo”, como nos traz Favre (2021, p. 99), é nos entendermos como parte de um ecossistema, parte de uma ecologia, é construir “(...) um sentimento de sermos parte de um processo maior, de não sermos indivíduos isolados, algo “em si mesmo”.*

*Os corpos são ecologias, e as ecologias produzem os corpos, ao mesmo tempo em que são produzidas por eles. As ecologias constituem camadas que se constroem mutuamente e se produzem umas pelas outras, desde a célula até o universo.*

*O uso do termo território pelos povos indígenas traz consigo a defesa da própria vida, a luta pela garantia da sua existência, o corpo-território fazendo parte de um processo ameaçado, como todo o planeta.*

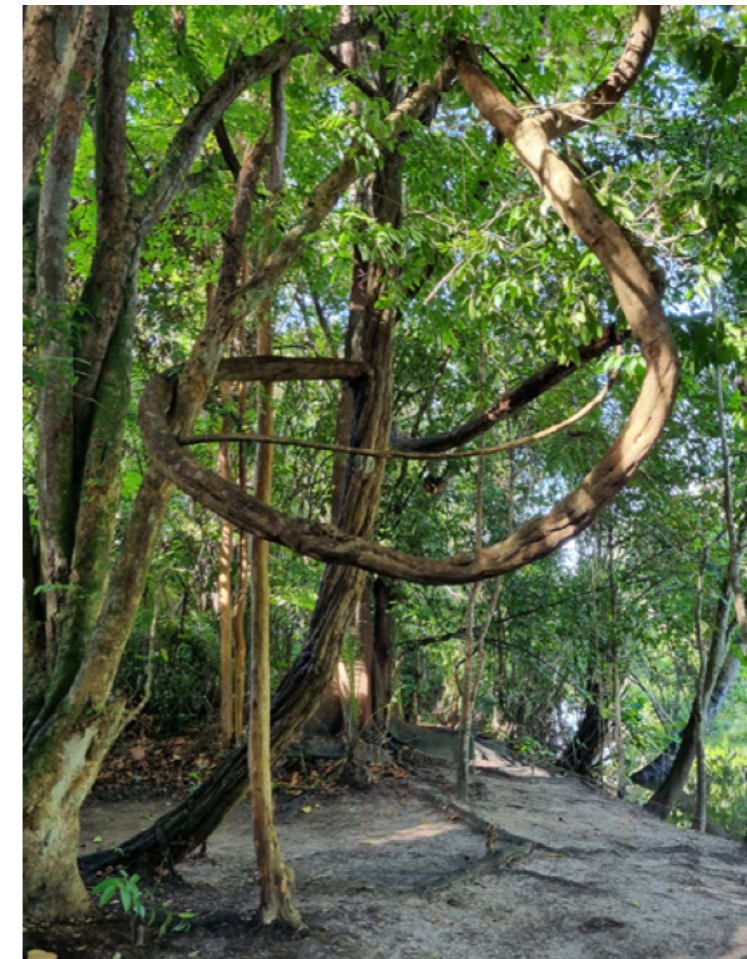
*A luta pelo território, para os povos indígenas, é a busca por limites que precisam ser respeitados; é também a busca por um corpo-território autorizado a pertencer e a ser ouvido. As demarcações de seus territórios garantem, por meio dos limites das terras, que esse corpo-território continue existindo, seja visível e que o modo de constituir o corpo na cultura e na comunidade resista, tendo seguro o território do seu corpo.*

*Os corpos e os territórios estão em constante processo, formando-se a partir das experiências e criando formas de existência e resistência, em um pulso vivo que deseja continuar, desenvolvendo-se de maneira diversa e complexa. A continuidade ocorre onde encontra um solo fértil, assim como acontece com os corpos e os territórios, que se constroem coletivamente.*

*Os corpos e os territórios existem por meio das vinculações, do macro ao micro. Somos conexões: átomos, moléculas, células, corpos, grupos, planeta, constituindo fronteiras e, por vezes, impondo limites. O corpo-território é um espaço político e coletivo, imerso nos acontecimentos e formado por eles. Trata-se de um corpo que é território e de um território que é corpo.*

*A dimensão corporal proposta por essas autoras e pelas mulheres indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi está relacionada ao seu modo de vida, à forma como se constituem coletivamente e vivem os acontecimentos de maneira encarnada, conectadas com outros seres e outras espécies. Trata-se, portanto, de um corpo-vida, um corpo cuidado, um corpo físico, espiritual e político: um Corpo-Natureza.*

#### O Corpo-Natureza



O corpo para as mulheres Pataxó da Reserva Porto do Boi se faz nos encontros e nos tempos da natureza, a relação entre o tempo e a coabitação de espaços, as plantas, as chuvas, as marés, tudo faz parte deste corpo que se constrói em relação. O corpo humano não é o centro, ele faz parte de diversas relações que o constituem e o transformam.

Aqui apresentamos algumas narrativas dessas mulheres indígenas, que aproximam o corpo da natureza e da coexistência de espécies, seres, vidas e encantados; seres que têm outros tempos: as plantas, a floresta, a terra e as coisas.

*O corpo, aí... O Corpo para mim acho que é a Natureza, tudo que... a fortaleza da natureza, você vê que nosso corpo é um elemento que, que sem ele, acho que sem ele não somos nada, porque se ele está cansado, nós também vamos sentir essa cansaço, igualmente a mãe natureza, se você plantar uma planta e se você não está molhando, alimentando ela, ela vai se sentir fraca, igualmente nosso corpo, acho que nosso corpo é isso... eu comparo assim como a Mãe Natureza, eu acho que é isso, eu nunca tinha parado assim para pensar, mas agora que veio a pergunta, é... tem que comparar com a mãe natureza.... (Muricy Pataxó)*

Muricy Pataxó apresenta o corpo-natureza, aquele que dá sentido à existência. Ela narra um corpo integrado ao mundo natural, que requer atenção e cuidado, ao mesmo tempo em que relata nunca ter parado para pensar sobre o corpo, fortalecendo a ideia de que, para essas mulheres indígenas Pataxó, o corpo está pautado no vivencial e nos modos de sentir, mais do que no universo dos pensamentos e das palavras.



*Eu queria te falar algo também, que na consagração (ayahuasca) que tive, eu senti de você e eu queria te compartilhar algo que no momento que eu consagrei a medicina, você chegou para mim e falou assim:*

*- Marcy, o que é corpo para você?*

*E eu respondi:*

*- Thaís, o que é corpo para mim é o Templo Sagrado, porque através dele a gente move tudo, como a gente move e como a gente destrói também.*

*E te respondendo aqui, eu falo para você :*

*- Que o corpo é nosso maior templo, o templo sagrado.*

Neste trecho, Marcy Pataxó relata que nosso encontro reverberou e que a resposta lhe veio durante uma cerimônia de Ayahuasca. Ela descreve um corpo indígena que se constitui no entre mundos, demandando tempo e abertura para os acontecimentos, seja no plano físico, nos acontecimentos cotidianos ou no sagrado.

“Pensar o corpo-território indígena como um espaço livre e saudável tem a ver não somente com as dimensões físicas, mas também envolve a espiritualidade. Do mesmo modo, para os povos indígenas, a questão espiritual está ligada ao nosso corpo-território presente. Nós entendemos a espiritualidade como um todo. Entendemos a espiritualidade como as nossas águas que correm nos nossos territórios, entendemos a espiritualidade no território que a gente vive, entendemos como parte que nos compõe enquanto seres humanos e feito também de seres não humanos (...) A espiritualidade dos povos indígenas perpassa todo o entendimento sobre a vida, a comunidade e o território. Para muitos povos, se existe um mundo onde vivemos, que é o mundo deste plano, existem também outros mundos que compõem a cosmovisão indígena. Acreditamos que nós não estamos sós aqui, e também estamos presentes em outros lugares que fazem parte do todo (Baniwa et al, 2023, p. 19).



A questão da corporeidade e dos territórios é central na vida indígena. A partir da concepção dos corpos como continuidade, percebe-se um corpo que se torna natureza, que vive em relação e que se constitui na coletividade, autoproduzindo-se nas famílias e comunidades. Trata-se de um corpo que permanece encantado, mesmo após a morte; um corpo sutil, que é território e, ao mesmo tempo, político, ancestral e espiritual. É um corpo que se cura por meio das medicinas da floresta, das rezas, dos alimentos, dos chás e dos banhos de ervas, incorporando os elementos fogo, ar, terra e água.

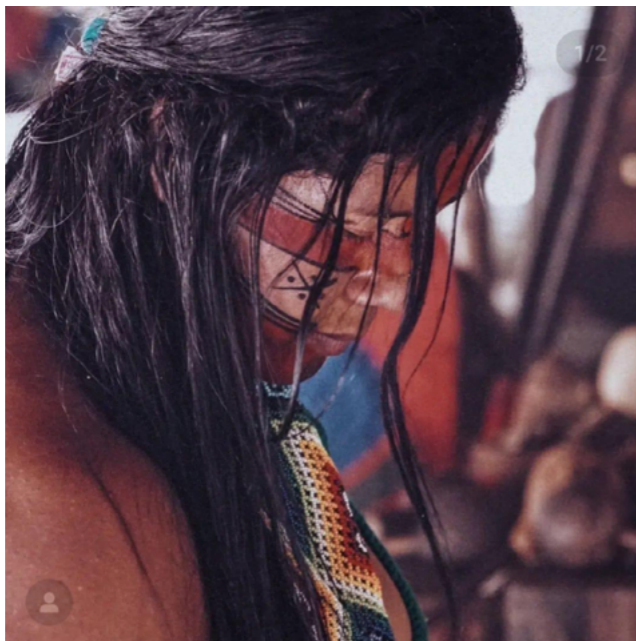
Os corpos se constituem nos ambientes, nos encontros e de acordo com as necessidades. Formam-se no tempo das águas, das marés, das fases da lua e nos ciclos de plantio e colheita; manifestam-se no contato com a natureza, em uma linearidade entre espécies.

*Eu gosto das medicinas e eu aprendi a ter muito respeito pelas medicinas, igualmente eu estava falando, eu não tinha aquela conexão, eu não tinha aquele respeito, eu via um mato assim, achava que era besteira, qualquer coisa... e era uma Erva medicinal, mas não dava aquela importância, e hoje para você ter ideia, quando eu vou por aqui, mesmo uma árvore que eu tiro, que eu lembro que... assim quando você vai passando e tem um mato na sua frente eu tinha mania de pegar um mato e quebrar, e hoje eu não faço mais isso, eu sinto, sei lá, parece que... parece não, eu estou destruindo algo, aí eu pego, peço licença, com maior cuidado peço licença, coloco assim no cantinho dela, mas antes não era assim não... (Muricy Pataxó)*

Muricy Pataxó relata uma mudança em seu comportamento ao perceber-se parte da natureza. Ela descreve como se conectava com as plantas antes e depois dessa percepção, assim como sua relação com a floresta, com os seres humanos e com os mais-que-humanos.

O corpo e a natureza mantêm uma relação ancestral. O corpo que é natureza e a natureza que constitui esse corpo não se limitam ao entorno; trata-se de um Corpo-Natureza que é território, resistência e aprendizado, constituindo-se no encontro.

## Os Tempos



Pensar o Corpo-Território e o Corpo-Natureza é refletir sobre os tempos, sobre como diferentes culturas vivenciam a temporalidade, o tempo das coisas, o demorar-se nas experiências, a abertura de espaços e o habitar do tempo.

Se retornarmos ao sonho narrado no início desse artigo, percebe-se que ele revela um tempo que não é cronológico, mas que caminha na ancestralidade, que transita entre a vida e a morte e que se relaciona com o tempo da natureza, das coisas e das experiências.

Segundo Martins (2021, p. 23)

*Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração, e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológicas e cosmológica que tem como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas sim o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem.*

As vivências das mulheres indígenas Pataxó com seus corpos encarnam esse tempo: o tempo da natureza, o tempo dos corpos enquanto integrantes de um cosmos e de sua relação com o sagrado, com os seres humanos, não humanos e mais-que-humanos.

*Então esse maracá, eu conversei com Raoni, né, falei assim, Raoni, eu quero um maracá e um aplicador, aí ele falou tá bom guerreira eu vou fazer um maracá pra você.*

*Aí, como eu tava sem, tinha dado o meu para Biraí, ele falou Kuãse, eu tenho um da cabacinha pequena, eu falei Raoni eu não quero pequena eu quero ele maior, mas você pode trazer esse daí enquanto você faz um pra mim, tá bom, ele trouxe, ele é pequenininho, eu dei até para Hanna (que é a filha dela).*

*Aí ele foi e falou fica com esse, foi até na festa de São Braz, que no momento eu estou sem cabaça, aí eu falei então tá bom, ele falou quando eu conseguir a cabaça eu faço seu maracá.*

*Ele falou, a Kuãse quer o maracá dela e eu não consegui ainda... aí de manhã cedo, ele é acostumado ir na praia consagrar o rapé dele, de manhã cedo ele foi lá na praia consagrar o rapé, diz ele que quando ele chegou lá, tinha um pé de cabaça na beira da praia, tava cheio de cabaça, aí ele falou: eeee, lembrou logo de mim, o maracá de Kuãse, vou fazer, vou pegar a cabaça maior e vou fazer, diz ele que catou as cabaças que tinha, pegou essa cabaça e trouxe, aí ele mandou mensagem pra mim perguntando se eu queria com nome, com traço, aí eu disse só com nome Yawá, "Yawá Pataxó" no maracá, aí ele foi e colocou, aí quando foi a noite, diz ele que ficou agoniado, dormindo agoniado sem conseguir dormir, aí veio as mirações pra ele, que aquele maracá ia ser entregue pro dono e que era ele que tinha que entregar e apresentar o maracá pra mim, que aquele ali sim era meu maracá verdadeiro, e que seu pudesse não emprestar e não dar pra ninguém, era pra eu não emprestar... (Kuãse Pataxó)*



Na construção de objetos sagrados, é necessário esperar para que os elementos da natureza se apresentem e para que as mensagens e ensinamentos dos que os antecederam cheguem aos ouvidos, através das mirações e dos sonhos. É importante que o tempo da natureza esteja em consonância com o tempo dos corpos — aquele de quem confecciona o instrumento e quem o recebe. O tempo para sua fabricação, suas formas, seus significados, é imbricado aos sonhos, às mirações, às relações de confiança e ao próprio tempo de cada coisa se formar e se fazer presente, numa espiral que se volta ao passado para se projetar ao futuro.

O tempo espiralar resulta de múltiplas imbricações: a de um movimento cósmico, simultaneamente retrospectivo e prospectivo, no qual se incluem todos os seres e todas as coisas, ou seja tudo o que existe em suas várias formas e âmbitos de existir e de ser, todos os fenômenos naturais e transcendentais, desde as relações familiares mais íntimas às práticas e expressões sociais e comunais mais amplas e mais diversificadas, as materialidades do agora, assim como as epifanias do porvir; e ainda a emanção e ressonância das forças e energias vitais que pulsam no movimento e asseguram a sobrevivência de todos os seres e do cosmos, em sua integralidade e totalidade (Martins, 2021, p. 207).

Os maracás são confeccionados pelos Pataxó de maneira artesanal, utilizando elementos da natureza, como coco, cabaça, sementes e cordas de imbiriba, entre outros. Trata-se de um objeto que carrega a força de um povo, que encarna a natureza por meio dos elementos que o constituem, sustentando a conexão aos antepassados, aos encantados e à espiritualidade. É um instrumento que acompanha a luta dentro e fora das aldeias, tornando visível uma cultura que muitas vezes é inviabilizada.

Esse instrumento é produzido por técnicas manuais bastante cuidadosas para que saia em estado perfeito (...) o maracá é um

dos instrumentos Pataxó que se deve manter o respeito e o cuidado: ele não deve ficar exposto em qualquer lugar, nem ser emprestado. No momento em que se bate ou toca o maracá, os Pataxó estão convidando os anciãos e os antepassados para festejar com eles aquele momento. Esses contatos com os elementos da natureza os deixam mais fortalecidos. O maracá é um instrumento sagrado para o povo Pataxó, que os acompanha no momento dos rituais internos e externos da aldeia. É como uma espécie de um globo, uma cabeça humana, onde os conhecimentos, saberes e riquezas ficam armazenados em cada Pataxó, crianças ou adultos, que os possuem. O maracá é o companheiro de viagens, manifestações, lutas, assim como o tupsay e a borduna, ou seja, os Pataxó e o maracá são inseparáveis (Pataxó, 2011, p.77).

### O Sagrado: Natureza e Espiritualidade



A relação com o sagrado é constitutiva dos corpos indígenas Pataxó; no entanto, é necessário compreender que esse aspecto enfrenta um movimento violento de apagamento de sua cultura. Para os Pataxó, o sincretismo religioso representa mais uma herança da colonização e da catequização, quando foram obrigados a afastar-se de suas crenças para preservar suas vidas.

O sincretismo religioso existente entre os Pataxó faz parte de todo um processo de contato com brancos e negros, todavia nessa comunidade existe um respeito em relação à “mãe natureza”, seus encantados e tradições (...). Os Pataxó são tementes a Deus (que em Patxohã é Niamisu), suas crenças tocam elementos da religiosidade afro-brasileira e da judaico-cristã. Tem-se nesse sincretismo uma singularidade que é a relação com a natureza, sendo essa sagrada. Assim também é o território. Os Pataxó realizaram retomadas de áreas consideradas por eles como locais sagrados, como o Monte Pascoal, por exemplo (...) (Rozisca, 2020, p. 112).

As mulheres Pataxó da Reserva Porto do Boi destacam, em suas narrativas, a presença de Deus. Algumas comparam esse Deus à força da natureza ou aos encantados, isto é, uma força ou energia que fortalece a espiritualidade, como se observa nos relatos a seguir:

Então, eu primeiramente, qualquer coisa que eu faço eu peço permissão logo a Deus, porque Deus, ele que criou, ele que criou os encantados, ele que criou a floresta, o rio, o mar ele que criou, com a permissão dele que eu recebi... minha primeira gratidão é pra ele, segundo os encantados, a floresta, nossas medicinas sagradas que chegou até a gente, chegou até mim, né, e me dá força que eu creio que vem dele.

*Então primeiramente Deus, eu coloco muito assim, que se eu estou fazendo uma aplicação de rapé e Yawá (um encantado) está comigo, foi permissão dele, porque ele sabe que naquele momento eu vou precisar, entendeu? Ele sabe o momento que eu vou precisar, então minha gratidão vem dele, de tudo que eu vou fazer minha gratidão é ele, a floresta, a terra, o mar, o rio, o fogo primeiramente também (Kuãse Pataxó)*

*Deus para mim é tudo, é natureza, é meu respirar, é a água, eu acho isso que é a Natureza, porque eu acho que, eu acho não, tenho certeza, que sem a natureza a gente não vive, né, para mim Deus é isso, a conexão mesmo com a natureza, porque vem tudo dela, as medicinas vêm dela, a farinha que você come vem dela, vem da natureza, para mim é tudo, Deus para mim é a natureza (Marcy Pataxó).*

*Então, é... eu sou uma pessoa que não foi assim católica, que católico tem que estar ali dedicado, ali todos os dias, eu já não quis isso mesmo porque para mim, enfraquecia a história do meu povo, porque naquele tempo a gente foi obrigado a ser catequizado, foi obrigado a esquecer nosso dialeto, obrigado você a viver a vida que vivia, então aí eu falo para as meninas, vocês não estão proibido de batizar nem nada, mas vamos fortalecer esse vínculo, não é uma crença, mas era o que nosso povo vivia, eles era conectado assim com a floresta, era conectado, acreditava... eu escutei muito de alguns anciões, sobre o Tucum ali, é a proteção da criança, de ter o batismo de água e sal, que eles acreditava que você ter uma*

*água natural, na verdade não era o sal que eles colocava ali, era a água do mar que eles colocava ali para beber, que aí tava fechando seu corpo, uma forma de você se sentir protegido, se batizava no rio, então, eu queria sempre trazer isso para as pessoas aqui (Tapy Pataxó)*

O Corpo-Natureza e a relação com o sagrado na cosmovisão ameríndia trazem um corpo que vive múltiplas dimensões, um corpo conectado com a natureza, que se vitaliza pela agência das ervas, do fogo, da água durante rituais, que recebe mensagens dos encantados, que espera o tempo da natureza para confeccionar um objeto sagrado, que transmite conhecimento de geração para geração através da oralidade e da observação dos mais velhos – como os banhos de ervas, por exemplo. É um corpo imerso em um jogo de forças, entre os costumes, tais como: o resgate das medicinas da terra e da espiritualidade, além dos costumes impostos por um processo de dominação e pelo apagamento da história de um povo.

### Considerações Finais

Muitas são as invisibilidades ocupadas pelos corpos das mulheres indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi: os apagamentos e as resistências de um povo, a relação diferenciada com o tempo — um tempo que vai e volta, que circula, um tempo espiral, um tempo do encontro, o tempo da natureza, do sagrado, da espiritualidade, da vida, o tempo dos acontecimentos e das histórias.

Diversas camadas se conectam neste trabalho, como as mulheres indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi vivem seus corpos, a relação com a natureza, a natureza como parte dos corpos, espiritualidade, os territórios. Fala de um povo guerreiro, com muitas histórias de resistência, e faz um recorte sobre as mulheres dessa etnia — mulheres que, diariamente, constroem um espaço de partilha, de resgate da ancestralidade, das medicinas sagradas, das rodas ao redor do fogo e do conhecimento transmitido pela oralidade.

O trabalho aqui apresentado evidencia a generosidade de um povo que já sofreu inúmeras violências, mas que hoje ensina sobre amor, respeito e a sabedoria da Mãe Natureza — seus ciclos, seus tempos e a interação com os diversos mundos humanos, não-humanos e mais-que-humanos (animais, vegetais, minerais, espirituais, entre outros). Inspira, assim, um modo de vida no qual é possível construir um corpo que viva em harmonia com o planeta, pois dele faz parte.

Cartografar os corpos por meio das narrativas femininas é uma forma de honrar suas histórias, o conhecimento transmitido pela oralidade e outras concepções de corpo — concepções pautadas na vida, nos acontecimentos e nos encontros com o simples, que permitem estar presente e fazer corpo junto.

Trazer esses fragmentos é uma forma de resistência, de combater as invisibilidades e de mostrar o nome e sobrenome daquelas cujas histórias foram violentamente apagadas. É mostrar um modo de resistência que se expressa na vivência dos corpos: um corpo que emerge do acontecimento, da vida, dos atravessamentos e desafios, em um continuum de formas em processo de evolução — pulsando, expandindo, retraindo e escolhendo modos de vir a ser.

### Referências Bibliográficas

Krenak, A. (2020) *A vida não é útil* (1ª ed.) São Paulo: Companhia das Letras

Baniwa, B. (2023) *Mulheres: corpos-território em resistência!* Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas.

Favre, R. (2021) *Do corpo ao livro* (1ª ed.) São Paulo: Summus.

Martins, L.M. (2021) *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. (1ª ed.), Rio de Janeiro: Cobogó.

Povo Pataxó. (2021) *Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia*. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ).

Rozisca, V. I. (2020) *Potencialidades pedagógicas do eco-etno-turismo na Aldeia Pé do Monte*. Teixeira de Freitas: UFSB.

Tavares, I. do N. (2019) Terra, água e sementes: do corpo território das mulheres indígenas a uma concepção de soberania alimentar. In: Lima, A. A. de; Queiroz, A. L; Dornelas, R. S.; Schottz, V. (Org.). *Mulheres e soberania alimentar: sementes de mundos possíveis*. Rio de Janeiro: Instituto PACS.